

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
ANO VI—Número 1.628  
Terça-feira, 18 de Março de 1924  
PREÇO — 30 CENTAVOS

As medidas do governo para reprimir a carestia da vida consistem no agravamento dos impostos e na cumplicidade tácita para com os maneios dos exploradores

## A Comuna de Paris Ferrovários do Estado AS RECLAMAÇÕES DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

Faz hoje 53 anos que se proclamou a Comuna de Paris. Está feita a história desse grande acontecimento para que a vamos, ainda que sinteticamente repetir, está igualmente feita a sua crítica, dispensando-nos por isso de a repetir. Quem, militando nesta áspiração de reivindicações, vivendo todos os dias e todas as vitórias, sentindo todos os desânimos e animando-se de todas as esperanças, não recorda da Comuna de Paris? São-nos familiares as suas grandes figuras; à força de as termos vivido dir-se-hia que fomos contemporâneos desse acontecimento de há 53 anos.

A queda e o aprisionamento do imperador Napoleão III, o Napoleão medíocre e ambicioso que Vitor Hugo immortalizou, ridicularizando-o e fustigando-o, o cigarro que levava aceso quando se entregou aos alemães; a queda da imperatriz Eugénia, a aventureira decidida e linda que há poucos anos morreu numa quasi indiferença; a proclamação da Comuna; os seus actos heróicos e as suas decisões infantis; os seus grandes erros e a sua ansia do futuro; a sua energia enérgica até à tenacidade e por fim a repressão feroz até à crueldade.

Tudo isso nos vem, em tropel, à mente. Todas essas visões, ora sedutoras do herói ora odiosas de carrascos, perpassam rapidamente no nosso espírito. O Júlio Vallès, panfletário vigoroso, temperamento literário, gritando ao seu companheiro de combate, ao jovem marceneiro Pindy do alto dum barricada: «anda Pindy, aplaí-na-me o velho mundo». O velho mundo não se aplinou dessa vez mas os trinta e cinco mil mortos são uma grande seara vingadora.

O rapazito de 16 anos que pede ao oficial que comandava o pelotão de execução para ir entregar a sua mãe que é pobre, o relógio de prata, sua única riqueza, o oficial que lhe concede licença por piedade, imaginando no pedido um pretexto para salvar a vida; o rapaz que chega meia hora depois a receber com estocada coragem as balas que o matam.

O coronel Lisbonne, ferido no decorrer dum combate, gritando antes de perder os sentidos, a sua última indicação aos seus companheiros, num mar de sangue. O seu sofrimento durante anos num hospital, sofrimento que por ser prolongado lhe salvou a vida. A deportação na Nova Caledónia.

As figuras da Comuna Júlio Vallès, Luís Michel, Deslucusse, Eliseu Reclus, Raül Rigault, Benoit Malon, Felix Piat e outros que foram grandes pelo seu valor, pelo seu heroísmo, pelo seu sacrifício, pelas suas convicções.

A Comuna fica para sempre. Esse grande movimento vencido, apesar de afogado no sangue de 35.000 vítimas, venceu. Em todo o mundo, os que sofrem, a recordação, a humanidade, hoje está com a Comuna e contra os seus carrascos.

Entre os que lutam, a recordação da Comuna não serve de pretexto para dispendir anualmente algumas lágrimas dum sentimento derroado e patético. Serve para animar os esforços na realização duma sociedade em que se torne impossível a existência de carrascos, eliminando a situação de vítimas. Não mais uma classe de carrascos: a burguezia; não mais uma classe de vítimas: a operária.

Homens expandido-se livremente num concerto harmónico de vontades, regulando-se pelas leis naturais, sem outro objectivo que a comunidade dos esforços, sem outro ideal que a realização de dias melhores que esqueçam à humanidade a sua marcha penosa, através dos séculos, para a liberdade.

OS ESCRIVENTES DO SUL E SUESTE, NUMA IMPORTANTE REUNIÃO REALIZADA NO BARREIRO PARA TRATAR DAS SUAS RECLAMAÇÕES, MOSTRAM A DISPOSIÇÃO DE RESPEITAR A UNIDADE DA CLASSE INTEGRANDO-SE NO SINDICATO

BARREIRO, 16. — Reuniram hoje de tarde, na Casa dos Ferrovários, os escreventes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, a fim de se ocuparem da sua situação moral e material, tendo presidido Rangel Tristão, secretário por Joaquim do Carmo Cigarrito e António Lopes da Cunha.

Depois de lido o expediente, usou da palavra António José Piloto, que diz ser o sindicato a única entidade que representa os ferroviários, lamentando o facto de alguém insinuar maliciosamente que os escreventes seriam desfeitos por não estarem sindicalizados. A má-fé que presidiu a essa insinuação demonstra-se com o facto de o sindicato, sem prévias condições, haver cedido a sala para a reunião que se estava efectuando. O sindicato, exclama o orador, é para os ferroviários do sul e sueste, sem distinção, mas com quem não pode transigir, evidentemente, é com os traídores que pretendem dividir e, por consequência, desmoralizar a classe.

Depois de mostrar que a comissão de «démarches» não tem descurado o assunto que interessa os escreventes, o orador termina afirmando estar o sindicato sempre pronto a perihilar todas as questões justas.

José Inácio Pinto, arquitecto geral, principia as suas considerações por dizer que compete aos novos apressar a evolução social, pois os velhos, gastos e cansados pela idade e pelo trabalho, pouco ou nada podem já fazer. Se os escreventes não estão à altura dos seus cargos a culpa é da direcção geral, que não cumpre os seus deveres. Terminando, o orador incita os escreventes a procederem por forma a demonstrar que, longe de serem garotos, como os acioimam, são antes homens que sabem impor-se na defesa da sua dignidade.

Carlos Inácio Pinto encerra a necessidade de se entrar em trabalhos práticos, iniciando a assembleia a formular as suas reclamações de acordo e em conjunto, com os escreventes do Minho e Douro, tanto mais que pode contar com o forte apoio do sindicato e da imprensa operária representada por A Batalha.

Nesta altura foi aprovada, com o maior entusiasmo, uma resolução ao nosso jornal na pessoa do seu correspondente, que se encontrava assistindo à assembleia.

Ainda vários camaradas se referiram à situação profissional e moral dos escreventes, mostrando quanto os prejudica o facto de não serem, em grande parte, sindicalizados. Foi depois aprovada por aclamação uma moção com as seguintes conclusões:

- 1.º—Reclamar a sua promoção por antiguidade a empregados de escritório de 2.ª classe;
- 2.º—Que seja mantida a lista de antiguidade constante das Ordens n.ºs 74 e 75;
- 3.º—Que os seus vencimentos sejam considerados desde a data consignada por lei;
- 4.º—Que seja eleita uma comissão de escreventes para junto das instâncias superiores, apresentar e defender as reclamações acima referidas;
- 5.º—Que no caso da comissão não poder vencer as dificuldades que encontrar por parte das mesmas instâncias superiores, o assunto seja entregue à Comissão Administrativa do Sindicato, a quem reconhechem como única entidade colectiva;
- 6.º—Salutar todos os ferroviários conscientes na pessoa do secretário geral do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste;
- 7.º—Dar conhecimento imediato aos camaradas do Minho e Douro, das resoluções tomadas.

Barreiro, Casa dos Ferrovários, 16 de Março de 1924. — Os proponentes (a) Carlos Inácio Pinto, José Augusto da Silva Pereira, Raül Rangel Tristão, Sebastião de Faria Jorge, Alfredo Gonçalves.

Foi também aprovada a seguinte declaração:

«Tendo-se propagado que os escreventes do Sul e Sueste, que não fossem sindicalizados, seriam esmagados da sede do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, os escreventes que assistiram à reunião magna que a sua classe teve no Barreiro, declaram por escrito e por actos efectivos, que foram recebidos por todos os membros do Sindicato, com todas as provas de delicadeza e de deferência, sem excepção para ninguém.

Casa dos Ferrovários do Sul e Sueste, BARREIRO, 16 de Março de 1924. (a) Carlos Inácio Pinto, Raül Rangel Tristão, Joaquim do Carmo Cigarrito,

António Lopes de Macieira, Hélio Rodrigues Gonçalves, Mário da Conceição Vital, José Gaspar dos Santos, Alfredo Costa Gonçalves, Manoel Marçal Rocha, José Augusto da Silva Pereira, Arnaldo Gonçalves, Eduardo Marques de Figueiredo, Luiz Alves Fernandes, Joaquim Bastos da Silva, Manoel de Almeida Rodrigues, António Ferrão, José Maria Rodrigues Pinho, Manoel Alfalcinha, José Fernandes Júnior, João de Almeida, Manoel Vaz Guterres, Luiz Ryder da Costa, João de Jesus Calvão, Francisco de Oliveira Júnior, Henrique Ferreira, António Maria da Costa, José Francisco Niza, José Soares.

Mário Romano de Carvalho declarou não assinar por entender que o Sindicato do Pessoal Ferroviário do Sul e Sueste não necessita de qualquer documento para comprovar a sua lisura para com os membros da classe, sejam associados ou não.

Por último foi nomeada a comissão que há de tratar, junto das entidades competentes, das reclamações formuladas, ficando composta por José Martins Gomes, Raül Jacinto, Faustino Pinto Salgueiro, Mário Romano de Carvalho, Joaquim do Carmo Cigarrito, Carlos Inácio Pinto e Hélio Rodrigues Gonçalves. — C.

As «démarches» junto das entidades superiores

NOTA OFICIOSA

A Comissão de «démarches» representante do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e da União Ferroviária do Minho e Douro conferenciou ontem com o secretário do ministério do Comércio e administração geral dos Caminhos de Ferro do Estado, acerca das suas reclamações, sendo-lhe prometido, mais uma vez, que na reunião do Conselho, também amanhã efectuada, o assunto ficaria solucionado.

Hoje volta a conferenciar com as mesmas entidades, continuando a classe em sessão permanente.

Esta Comissão recomenda a todos os ferroviários do Estado a máxima atenção e seriedade.

A Comissão de «Démarches»

### A comemoração do glorioso acontecimento

Como já anunciamos, realiza-se hoje, pelas 20 horas, na Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.º, uma grande sessão comemorando a data gloriosa, de 18 de Março de 1871, em que um punhado de homens generosos foram cruelmente esmagados por tançarem as bases de uma sociedade melhor.

Farão uso da palavra o dr. Campos Lima, que delineará os traços históricos do empolgante acontecimento revolucionário. Silva Campos, Manuel Joaquim de Sousa, Mário Domingues, Cristiano de Lima e outros camaradas.

### Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.º

uma sessão pública, para a qual estão convidados a fazer uso da palavra Armando Martins, Abel Pereira, Carlos Marques e Carlos de Araújo.

No Centro Socialista de Lisboa, rua do Bemfornoso, 150, 1.º, realiza-se hoje, às 21 horas, uma sessão comemorativa da Comuna de Paris, os srs. Ramada Curto, Fernandes Alves e António Francisco Pereira.

Sob o tema «A Comuna de Paris», realiza hoje, pelas 20 e meia horas, uma conferência na sede do Centro Socialista 18 de Março, calçada da Ajuda, 69, 1.º, o professor sr. Ladislau Batalha.

Também o Núcleo Socialista de Benfica, páteo de Marrocos, realiza hoje, pelas 21 horas, uma sessão comemorativa, usando da palavra os srs. J. Fernandes Alves e dr. Amâncio de Alpoim.

### Um inquilino na rua

MAIS UMA INFAMIA DUM SENHORIO

Na travessa das Flores, 4, 1.º, a Gracia, vivia com sua mulher e três filhos menores o estivo António Pires, que há meses tem estado de cama com uma grave enfermidade, levantando-se ainda há poucos dias mas bastante mal.

Para que esta família fosse posta na rua, a senhora, Maximina de Jesus, aranjou um pretexto. Quando em Dezembro o inquilino lhe foi pagar a renda, que é de 10.000 mas já há muito que aquele pagava 16.000, a senhora disse que na ocasião não tinha o recibo passado mas que fosse em qualquer dia. Acreditando na sinceridade da senhora, não se incomodou em esperar, mas pouco tempo depois, quando ia buscar o recibo soube que a Maximina de Jesus havia tentado uma acção de despejo. O inquilino surpreendido com tal atitude, foi depositar a renda na Caixa Geral de Depósitos, o que tem feito até esta parte, e impugnou a acção judicial. Como a senhora venceu a questão — nem outra coisa era de esperar — apesar de se demonstrar o processo indevido de que usou e de que muitos outros usam — no sábado a tarde apareceram ali a polícia e dois moços para pôr a mobília do António Pires na rua, ao que a viúva se opôs.

No domingo chegou aquela travessa a mobília dum novo inquilino, mas as mulheres do sítio não consentiram em lá não querendo que se tirasse a mobília do antigo inquilino. Veio polícia da esquadra do Vale de Santo António nada conseguindo.

Durante a noite essas mulheres, num gesto de solidariedade, mantiveram-se alerta, nomeando comissões de vigilância para o efeito, a fim de impedir que a mobília entrasse.

### Marítimos de Cezimbra

A Federação Marítima recebeu 87500 dos carpinteiros Navais de Setúbal para os marítimos de Cezimbra.

Também, com o mesmo destino, recebeu 28500 da Associação dos Compositores Tipográficos.

### A arte e os artistas POR ESSE MUNDO FORA

A EXPOSIÇÃO DE PINTURA MODERNA DE ALBERTO CARDOSO E MARIO ELOY

Juntaram-se dois artistas modernos e fizeram uma exposição de pintura que abriu no sábado passado com uma boa conferência de Assis Espargosa, no salão da Ilustração Portuguesa. O nome dos dois artistas: Alberto Cardoso e Mário Eloy.

Na idade, o primeiro é mais velho do que o segundo, na arte o segundo é mais velho do que o primeiro.

Alberto Cardoso é acentuadamente modernista, solidamente modernista. O seu trabalho é sólido, porque a sua técnica é firme, o seu pincel não tem hesitações, os seus olhos veem, com calma, a Natureza e o seu espírito interpreta-a, com a serenidade própria de quem já viu muito e muito trabalhou.

Mário Eloy vai a caminho do mais puro e mais perfeito modernismo — vai marchando ao encontro da sua personalidade. O artista é na pintura, o que é na vida. Primeiro, uma criança inconsciente dos seus actos; depois, um iludido que supõe conhecer-se bem a si e melhor aos outros; e, por fim, um experiente que, senhor dos seus verdadeiros recursos, se reúne para conseguir realizar, serenamente, quasi a frio, os seus sonhos de adolescência.

Eloy apresentou-nos, através dos seus quadros as três modalidades do espírito humano. Em alguns retratos é a criança inexperiente; noutros, o adolescente que se julga sábio, e noutros ainda, o pintor que começa a serenar e a realizar com firmeza o que a sua adolescência apenas sonhou.

Da segunda fase da sua carreira ficou um trabalho que foi além das suas forças na época em que o seu pincel não

atingira o treino que tem agora. E' o quadro «Minha Mãe». A expressão de ternura, de melancolia, de tristeza — de maternidade — que esse retrato contém transmite-se-nos e chocou-nos. Embora a técnica não seja a mais perfeita, nem a mais recente, ele consegue dar ao assunto um extraordinário poder de expressão. E' daquelas obras que se fazem uma vez na vida. Nos quadros que calculamos sejam os mais recentes do pintor, verifica-se uma ansia forte de novos processos, de liberdade espiritual e de independência de técnica. «O Morcego do Cais», «Varinas», «Volta do interior», confirmam estas tendências.

Alberto Cardoso é exímio nos assuntos populares, aos quais consegue dar flagrante carácter. «Fado Corrido» os dois quadros «Mouraria» possuem uma interpretação muito conscienciosa e muito segura do ambiente local. O «Estivador» fica como um belo documento da vida de hoje, do trabalhador rude, que a escola não educou, que os governos esquecem, os exploradores roubam e a taberna brutaliza.

A técnica de Alberto Cardoso é sólida, justa no equilíbrio de massas, arrojado no colorido, não temendo os tons berrantes que o povo usa nos trajes ou na pintura reles das fronteiras dos prédios velhos e pobres.

Alberto Cardoso e Mário Eloy são — com licença dos críticos encartados — dois artistas que num futuro próximo atingirão na arte moderna a invulgar altura que os olhos vespados dos apreciadores velhotes, de vista cansada, já mais conseguirão alcançar.

M. D.

### FOI ABSOLVIDO

o operário

ARSÊNIO JOSÉ FILIPE

Realizou-se ontem na Boa-Hora, o julgamento do operário Arsénio José Filipe, injustamente acusado de, há tempos, ter atentado contra a vida de um chauffeur.

O tribunal revestiu um aspecto bélico desusado. Guarda-republicana e polícia não faltava por todos os lados, espalhada, espreitando e palpando toda a gente à procura de bombas.

Não foi em vão que, pouco tempo antes de principiar o julgamento, um cavalheiro barbado que odeia as barbas dos outros, lá esteve dando ordens e preparando todo aquele cenário.

O advogado de defesa, dr. Sobral de Campos, frisou bem que tal ambiente parecia fomentado no intuito de intimidar os testemunhas de defesa. As testemunhas de acusação fizeram de chi-

os seus depoimentos, com cara de quem os havia estudado e combinado bem lá em casa.

Entretanto, o júri não se deixou intimidar nem convencer por esses depoimentos suspeitos. De resto a inocência do réu era tam clara, tam evidente que só um cego a não veria.

Notava-se, entretanto, por parte do juiz uma certa má vontade contra o réu — mas os factos suplantaram pelo seu brilho e pela sua clareza todas as insinuações.

O discurso do dr. Sobral de Campos foi simples, breve, decisivo e duma lógica irrefragável.

Arsénio José Filipe foi absolvido, como merecia — e a polícia e guarda-republicana foi absolutamente inútil. O homem das barbas perdeu uma bela ocasião de não dar ordens...

Trabalhadores: Lede, propagai «A Batalha»

### Alemanha

As próximas eleições

BERLIM, 17. — A imprensa desta capital diz que os nacionalistas e comunistas serão os partidos vitoriosos nas próximas eleições em detrimento dos populares e dos socialistas. Estão-se fazendo esforços para conseguir evitar uma scisão no seio do partido popular.

O julgamento dos ditadores bávaros

MUNICH, 17. — Tem continuado a ser feitas deposições por várias testemunhas que comprometem muitíssimo o general Ludendorff, que exerceu uma acção nos recentes movimentos da Baviera pretendendo criar um largo movimento revolucionário tendo por fim a mudança das instituições da Alemanha.

Bélgica

A queda do franco

BRUXELAS, 17. — A exemplo das medidas energias adoptadas pela França para defender o franco também a Bélgica está disposta a defender energicamente o valor da sua moeda por meio de medidas radicais.

Rússia

O Tratado com a China

REVAL, 17. — O governo dos soviéticos no novo Tratado que vai assinar com a China é muito generoso para esta nação. A Rússia reconhece a soberania da China sobre a Mongólia garantindo-lhe que não será feita qualquer propaganda política. Abandonará também os seus direitos sobre as concessões na China e anulará a indemnização dos boixers com a condição de que esta indemnização seja aplicada a assuntos de instrução.

### REVULSIVOS

Diz um antigo anécdotico que «essa em que não há pão» (Está provado ser assim) «Todos brigam, sem razão, Levando ao rubro o chinfrim.

Uma casa em zaragata Permanente, indis-ruptível, Não é casa, é camararia De maluco, susceptible De tornar-se ciss-mata.

Cada um, para seu lado, Barafusta, dá sentença, Sem perceber que é chateado, E, no meio das desavenças, Quando não sova é soado.

Pais e filhos em desordem, As mulheres com os maridos, De fúria e raiva se mordem, Acode a guarda aos gemidos E mete a família em ordem.

Ao marido racha a pinha, Quebra as costelas aos filhos, Espanca a mulher, coitadinha, Mas não joca nos ladrões, Culpados desta gracinha.

### CRONICA PARA LAMENTAR

### NO CIRCO DE SÃO BENTO

A COMPANHIA DE SALTIMBANCOS ILUDIU A ESPECTATIVA — UM ESPECTACULO DE DIFÍCIL CRITICA — UM PALHAÇO, \*\*\* UM MONGE E UM CARTAZ \*\*\*

A empresa do circo de São Bento não tem sido muito feliz na escolha dos seus espectáculos. O público, delicado como uma moça, tem razão em erguer o seu protesto contra a decepção que sofre — mas apenas murmura o seu descontentamento, na esperança de que tais anomalias sejam transitórias. E se a empresa do circo — que tem dado sobejas provas de competência — merece alguma atenção o nosso ponto de vista, por certo que o público verá brevemente espectáculos com uma organização mais artística.

A companhia de saltimbancos, que ontem se apresentou, não conseguiu despertar o interesse das moscas das torrinhas e da geral reservada. Os números que desempenhou foram falhos de interesse, tendo, por vezes, descontentamento, na esperança de que tais anomalias sejam transitórias. E se a empresa do circo — que tem dado sobejas provas de competência — merece alguma atenção o nosso ponto de vista, por certo que o público verá brevemente espectáculos com uma organização mais artística.

Se não fossem estes inconvenientes, que apontamos ligeiramente, o espectáculo seria magnífico, e esta certeza levava-nos a cumprimentar a empresa do circo de São Bento, pela sua competência e acendrado patriotismo que põe no seus programas, sempre alterados por motivos imprevistos.

Um palhaço irreverente e um monge ante-diluviano

De resto, o desempenho da companhia de saltimbancos teve fases que merecem registro e louvores na acta.

O príncipe Alvaro é o único intérprete do ministério encantado. A sua criação da «Alma de Deus» foi simplesmente maravilhosa. Com que graça e com que linda voz, ele começou entoando aquela quadra:

Canta, canta, ó vagabundo... E logo o palhaço da companhia: «O bunda...»

«O pso-forte», Tá-Váres de Karvá-olê, ao que parece de nacionalidade siamesa, fez verdadeiros milagres de solidão. Segue os princípios, segundo os quais a fusão no teatro e no circo é tudo. E tem integrado se evidencia nêstes princípios que conseguiu interpretar rigorosamente explorador científico disfarçado em vianjeiro:

«Meus senhores — declamou. Eu ia ser irmão siamês viajado no sertão. Em cá ter visto um leopardo do Texas arrancar conro cabelada ao sr. administrador de Torres Verdes.

Empunhando um chicote de ponta dourada vai à procura do príncipe Alvaro, clamando:

— O governo só fabrica notas. Notas, notas, notas... Notas oficiosas nos jornais, notas à margem dos orçamentos, notas falsas na Casa da Moeda e do Mafioso Papel Salado. Alvaro, és mau piloto, tens de ir a terra... Não mais propostas!

E o impertinente palhaço a insistir: — O postas...

O príncipe Alvaro está de pé, tal como Wagner escutando a tempestade, tal como Napoleão em Santa Helena. É um intérprete da companhia, que usa um traje negro ante-diluviano e ondula incessantemente por todo o circo, entoa a canção do Mau Agouro:

santoninho não cáis, não cáis Para logo o renegado palhaço arre-medar, impertinente: — E' o cáis...

O desfile das Misericórdias causa funda impressão

Outro número emocionante foi o das Misericórdias. Desfilou em volta do circo uma multidão ululante, que faz lembrar aquela que incendiou as Avenidas Novas na peça Aída e Eva do sr. Corte-são.

Misericórdias — clamam trágicamente. Nós «semos» as Misericórdias...

O príncipe Alvaro Santantoninho compreende o horror da situação. E justifica-se, erecto no seu trono de xar-rão em pinho:

— Misericórdia pede o Estado... E o Estado é o único, o maior pobresinho, que não pode apelar para os vossos cal-dinhos... Tenham paciência, não pode ser...

O monge do hábito ante-diluviano, que passava sem descanço em volta do circo, que tem a alma desterrada pelas

## CRONICA DO PORTO

## A situação dos operários corticeiros

OS DESEMPREGADOS FIZERAM ONTEM UMA IMPONENTE MANIFESTAÇÃO PERANTE O GOVERNADOR CIVIL

PORTO, 17.—Hoje, pelas 15 horas, a classe dos operários corticeiros desta cidade e do concelho vizinho de Gaia, arrastou-se até ao edifício do governo civil, para a sua marcha. ... «precatória» se tornar o mais volumoso possível, as centenas de desempregados juntaram-se os que ainda estão, talvez por pouco tempo, ocupados, para o que largaram o trabalho.

Esta manifestação pacífica de «vadios» forçados em frente dos poderes constituidos locais — teve este simples objectivo: reclamar trabalho, pelo qual o pão do alimento físico possa estar garantido. ... Ao mesmo tempo teve esta significação: a de demonstrar, que estando a classe dos corticeiros, como aliás, outras corporações profissionais, impossibilitada de adquirir meios de subsistência pelos processos legalísticos do labor e insimuladamente remunerado — amanha, impelida pelos mais funestos «maus conselhos» da vida — ver-se-á coagida a lançar mão do alho, visto não respeitando o princípio da propriedade individual.

Depois não nos venham matar o bicho do ouvido com a pavorosa cantiga criminal de que a odisseia do roubo vai numa desenvoltura paralela ao hidro-aviar dos géneros pelas alturas das misteriosas gubernas.

Os culpados dos procedimentos futuros da classe dos corticeiros dessas regiões, são simplesmente os governantes, os únicos que devem responder por todos os «crimes» que aquela classe possa a vir cometer... nos haveres do semelhante.

E' provável que o chefe do distrito não lograsse este verdadeiro alcance da manifestação dos corticeiros de ambos os sexos — tam cegas andam as autoridades administrativas nas consequências tristíssimas das lamentáveis «chomagens».

Ao mesmo tempo o governo civil local, se é perspicaz como alguém afirma, deveria ter reparado que em toda aquela gente que lhe foi reclamar para que as aspirações do Estado capitalista não tirem o trabalho a quem ainda o tem e dêem trabalho ou pelo menos que diso privaram — predominava o espírito de intima censura e revolta contra a estupididade governamental, contra a incompetência manifesta dos dirigentes desta desastrosa caravela económica social, a qual navega sem bússola, nestas mar de lágrimas vertidas por um povo humilde e abandonado... e que por isso mesmo já podia ter julgo.

Ha milhares e milhares de contos para se esbanjarem em festas vergonhosas, escândalos, promovidos pelos nossos caros estatistas. Mas para a aquisição duma simples vagoneta que plagas inhóspitas da febre e do capim, evita com saliência mordacidade.

Santantoninho não tem, não tem não tem vitória

E a multidão ululou: — Misericórdia, misericórdia... Misericórdia, nobis!

O capitão Pires Monteiro trauteia a «Misericórdia vai à fonte» do orçamento. A sua voz de tenor arranca um choro difuso aos olhos das pobres Misericórdias.

Vem agora Carbalho del Silva, «El Gran Torcedor». Disse, em gesto rápido e fidalgo, o seu «pardessus» século XIX, e com ele faz plásticas evoluções que não conseguimos perceber.

O número novo «El Mitin» não conseguiu interessar, apesar da oração fúnebre do ilustre compositor Alma Ribeiro e da inspiração do emotivo Lineto, que se prosternou sob a Eloquentia.

O crepúsculo dos pigmeus acentua-se, através da alta cúpula. E uns homens bons, vestidos de alface murcha, lembram o Cristo — homem há 20 séculos — quando inventou, a um sinal do dedo, a luz eléctrica dos pagãos. E — milagre dos milagres! — em mil lâmpadas de luz solar ao circo.

Foi de um efeito deslumbrante o número que se seguiu. Os saltimbancos foram desfilando diante do príncipe Alvaro e tam carinhosos se mostraram que sua Altoza se coroou o príncipe do ministério desancado.

Estranhou-se bastante a afixação de um grande cartaz que tinha estes dizeres:

Hoje não se pia, amanhã, talvez

Atribui-se à sugestão deste cartaz a falta de piada que tudo isto teve. A companhia caiu — caiu, mas caiu de pé, como os grandes homens da história. Está-se montando com febril actividade a grande magia «Os leopoldos na floresta devorados pelos antropólogos do oceano».

A propósito do sueto que, com este título, publicámos em 11 do corrente, recebemos da sr. D. Henriqueta Pacheco de Sequeira, directora do Instituto Profissional Feminino, uma carta que diz em síntese:

A sr. D. Doroteia Cristóvão está divorciada de seu marido a quem, por sentença judicial passada em julgado, compete cuidar da educação da filha, que vai uma vez por mês visitar sua mãe, podendo esta visitar aquela as vezes que quiser. O dr. sr. Pacheco de Miranda tem sempre assistido e acompanhado a criança no tratamento da sua doença.

Ora até aqui nada temo a opor, visto tratar-se dum caso intimo a derimir entre os directamente interessados.

O que motivou o nosso grito de alarme foi a afirmação, perentoriamente feita pela sr. D. Doroteia Cristóvão, de que sua filha se mostra dum fanatismo pouco próprio da sua idade, em virtude da estagnação a que é sujeita no referido Instituto, isto é que nós reputamos de suma gravidade, visto considerarmos um crime impor a aceitação de dogmas religiosos a cérebros incapazes ainda dum fealdade raciocínio.

possa transportar para o Porto e Gaia quinhentas gramas de cortiça, não existem em cofre 50 centavos, mesmo desas notas falsas que para si circulam. ... Permite-se que a Companhia «Real» dos Caminhos de Ferro Portugueses assombrosa e continuamente agrave as tarifas, mas não se lhe diz que parte do produto dessa escamoteação deve ser empregada na melhoria do serviço e na compra de material que faz falta à vida industrial do país.

A classe dos corticeiros, por intermédio da sua Federação sindical, calcurioso, sucessivas vezes, os centralistas ministeriais da governança pública. Lá, por vezes sem conta, expõem-lhes o perigo da falta de transportes, ensinando mesmo aos ministros que quanto maior for o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, maiores serão também as prosperidades duma nação.

Identica teoria passou nos escritórios directivos da dita Companhia «Real». ... Uns e outros, porém, não passaram de enredadas promessas, até que desse pestilencial logradouro de mentiras oficiais, a classe dos corticeiros veio a cair na dolorosa realidade da crise, visto que não havendo a indispensável matéria prima, os industriais fecharam as portas.

Estalados os corticeiros numa miséria ainda muito maior, vendo todos os seus recursos estancados — por qual caminho tomar? o do suicídio — uma covardia, ou o de enfileirar nas hostes dos Filhos da Noite, na instintiva conquista do que lhe possa facilitar a conservação da vida.

Este foi, repetimos, o significado da manifestação dos operários corticeiros junto do governo civil. E o delegado governamental do sr. Alvaro de Castro, ouvindo... ouvindo... a comissão representativa de todo aquele pessoal, na iminência da morte pela fome, depois de haver ficado silencioso por alguns momentos — reflectiu frases reconfortantes, asseverou a sua simpatia pelas classes trabalhadoras, reconheceu a justiça que assiste aos reclamantes, arquivou hipóteses pelas quais dificultariam a boa vontade do seu chefe ministerial e prometeu, com toda a «sinceridade» da sua alma, interessar-se pelo assunto, telefonando, telegraphando e oficiando.

Mas o governo, atarefado com as suas rabulices de politiquismo seoz, é provável que não venha ao telefone, que não atenda ao telégrafo e não leia o ofício.

Tem muito mais que fazer... No entanto, toda aquela desditosa classe retirou crente de que será ouvida

plagas inhóspitas da febre e do capim, evita com saliência mordacidade.

Santantoninho não tem, não tem não tem vitória

E a multidão ululou: — Misericórdia, misericórdia... Misericórdia, nobis!

O capitão Pires Monteiro trauteia a «Misericórdia vai à fonte» do orçamento. A sua voz de tenor arranca um choro difuso aos olhos das pobres Misericórdias.

Vem agora Carbalho del Silva, «El Gran Torcedor». Disse, em gesto rápido e fidalgo, o seu «pardessus» século XIX, e com ele faz plásticas evoluções que não conseguimos perceber.

O número novo «El Mitin» não conseguiu interessar, apesar da oração fúnebre do ilustre compositor Alma Ribeiro e da inspiração do emotivo Lineto, que se prosternou sob a Eloquentia.

O crepúsculo dos pigmeus acentua-se, através da alta cúpula. E uns homens bons, vestidos de alface murcha, lembram o Cristo — homem há 20 séculos — quando inventou, a um sinal do dedo, a luz eléctrica dos pagãos. E — milagre dos milagres! — em mil lâmpadas de luz solar ao circo.

Foi de um efeito deslumbrante o número que se seguiu. Os saltimbancos foram desfilando diante do príncipe Alvaro e tam carinhosos se mostraram que sua Altoza se coroou o príncipe do ministério desancado.

Estranhou-se bastante a afixação de um grande cartaz que tinha estes dizeres:

Hoje não se pia, amanhã, talvez

Atribui-se à sugestão deste cartaz a falta de piada que tudo isto teve. A companhia caiu — caiu, mas caiu de pé, como os grandes homens da história. Está-se montando com febril actividade a grande magia «Os leopoldos na floresta devorados pelos antropólogos do oceano».

A propósito do sueto que, com este título, publicámos em 11 do corrente, recebemos da sr. D. Henriqueta Pacheco de Sequeira, directora do Instituto Profissional Feminino, uma carta que diz em síntese:

A sr. D. Doroteia Cristóvão está divorciada de seu marido a quem, por sentença judicial passada em julgado, compete cuidar da educação da filha, que vai uma vez por mês visitar sua mãe, podendo esta visitar aquela as vezes que quiser. O dr. sr. Pacheco de Miranda tem sempre assistido e acompanhado a criança no tratamento da sua doença.

Ora até aqui nada temo a opor, visto tratar-se dum caso intimo a derimir entre os directamente interessados.

O que motivou o nosso grito de alarme foi a afirmação, perentoriamente feita pela sr. D. Doroteia Cristóvão, de que sua filha se mostra dum fanatismo pouco próprio da sua idade, em virtude da estagnação a que é sujeita no referido Instituto, isto é que nós reputamos de suma gravidade, visto considerarmos um crime impor a aceitação de dogmas religiosos a cérebros incapazes ainda dum fealdade raciocínio.

Atribui-se à sugestão deste cartaz a falta de piada que tudo isto teve. A companhia caiu — caiu, mas caiu de pé, como os grandes homens da história. Está-se montando com febril actividade a grande magia «Os leopoldos na floresta devorados pelos antropólogos do oceano».

no pantano Terreiro do Paço e de que a Companhia «Real» daqueles vagões que andam ao serviço de coisas menos importantes, sempre se resolve a destinar algum para o transporte da cortiça cá para estes lados.

E já agora vem a talhe de foice: há dias, um trabalhador, que há umas poucas de semanas espera por trabalho, pediu-nos alguma coisa acerca desta situação insustentável.

E na doce miragem de que pudéssemos, com uma fiel e emocionante descrição de quadros de miséria, presenciados de visu, comover o alcido sentimento dos governantes com coração de granito — convidou-nos para que fossemos um dia visitar o seu populoso bairro, dando-nos a certeza de que faríamos uma copiosa colheita de factos lancinantes de sofrimento cruel.

Ora para provar que o Estado governamental não se sensibilizaria com uma tal narrativa, por muito sentimentalmente burilada que ela fosse — Está o caso dos operários corticeiros. ... Eloquentemente... ao cabo de tantos esforços e apelos ao poder central e derivadas.

Para melhor elucidação deste caso de «chomagem», conseguimos dum membro activo da classe dos corticeiros, no momento da manifestação-reclamação, os seguintes dados aproximados:

A fábrica Calheiros, em serviço normalizado, tinha nos 350 operários, de ambos os sexos. Mercê da falta de transportes, trabalham presentemente 60. A fábrica Barros, de 80 reduziu a 30; Empresa de Cortiça do Norte de Portugal, de 75 passou a 30; Silva & Beira, de 80 a 16; F. Wones & C.ª, Limitada, de 20 a 9; Calixto Gonçalves, que tinha um quadro de 100 operários, paralisou por completo.

A Empresa de Cortiças, Limitada, de cujos 70 ficou reduzido a 8, há 8 meses que requisita, em vão, material dos caminhos de ferro. No entanto, a firma Gaubert & Cama, Limitada, normalizou a sua produção, porque, sendo bastante rica, pode pagar excepcionalmente comissões especiais. ... Só por esta maneira.

Logo, pois, segundo este informe, das 775 pessoas que trabalhavam naquela mister, 622 estão fora de combate. ... corticeiro, isto é simplesmente 153 é que ainda estão trabalhando na sua profissão.

Se não desse a circunstância de algum elemento feminino, que constitui a grande maioria da classe corticeira, ter a felicidade e a facilidade de se empregar na indústria têxtil — então a desgraça seria muito maior.

E' o quanto nos levam os nossos bom governantes.

horas, a assembleia geral, para apresentação do relatório de contas, para nomeação dos novos corpos gerentes e de outros assuntos de interesse para a classe.

S. U. Metalúrgico do Porto. — Reúne amanhã a Comissão Administrativa, sendo indispensável a comparecência das camaradas que fazem parte da Comissão Administrativa do ano transacto.

Para resolver sobre a compra dum móvel reúne também amanhã, com a C. A. a Comissão pró-sede.

Secção Profissional de Ferragens e Fechaduras. — Reúne hoje os operários das Fábricas Produtora, Progresso Nacional e Comercial para resolver em definitivo o caminho a seguir em face da atitude tomada pelos respectivos industriais.

Dada a importância do assunto a tratar torna-se indispensável a comparecência de todos os metalúrgicos.

A reunião efectuar-se-á às 20 horas, na sede central.

Operários municipais

Afim da comissão de melhoramentos dar conta das demarchas efectuadas junto da vereação sobre as subvenções em atraso, e formular novas reclamações de aumento de salário, reúne hoje, ao largar do trabalho, 17 horas na Travessa da Agua de Flor, 16, 1.º, todo o operariado municipal sem distinção de classes.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Para assunto de inadiável resolução e que carece de absoluta urgência, reúne hoje, pelas 25 horas, a comissão nomeada na última reunião do conselho federal, devendo conjuntamente reunir a comissão pró-II congresso.

Pede-se a todos os núcleos que ainda não responderam às circulares ultimamente enviadas que o façam com a máxima brevidade, a fim de não serem protelados trabalhos que dependem da sua resposta.

Comissão pró-2.º congresso. — Reúne ontem tendo apreciado as respostas de alguns organismos a quem se dirigia, verificando com satisfação o belo acolhimento que tem tido da parte dos mesmos a realização do 2.º congresso juvenil, e levar a efeito uma festa para breve, para o que já anda trabalhando. Reúne hoje, pelas 21 horas.

Núcleo de Setúbal. — A comissão administrativa do N. J. S. S. expressamente reunida para tratar do desenvolvimento do mesmo; resolve protestar energicamente contra a condenação à morte do valoroso camarada Juan F. Acher, assim como saldar a «Voz Sindical» pelo seu reaparecimento. Mais resolve novamente convocar todos os componentes deste núcleo a comparecer no dia 19, pelas 20 horas, na sede da U. S. O. para ser apreciada e discutida a seguinte ordem de trabalhos. 1.º Nomeação da nova C. A. 2.º Apresentação de contas. 3.º Resolver sobre uma nova série de conferências de carácter educativo e profissional. 4.º Apreciar todo expediente vindo da F. J. S.

## Coliseu dos Recreios

HOJE — Às 21 horas (9 da noite)

2.ª apresentação das actuais acrobatas saltadoras

Irmãs Bécussou

e do célebre ginasta aéro equilibrista Leopoldo

que ontem obtiveram um estrondoso sucesso

As maiores novidades e atracções da

Nova Companhia de Circo

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa

Não se afam cartazes nas ruas

## TEATROS &amp; CINEMAS

Reclames

Está obtendo o mais brilhante êxito no Nacional a peça de Brieux, «Simone», comédia das mais graciosas que nos últimos tempos temos visto representadas, dando ensejo a Ilda Stichini e Ribeiro Lopes apresentarem esplêndidos trabalhos em personagens que se adaptam maravilhosamente aos seus temperamentos artísticos.

Pelo que se refere aos outros intérpretes, o conjunto é também esplêndido, pelo que podemos afirmar que a «Simone» é uma peça digna de ser vista por todos que amem o teatro.

Em vista do recrudescimento do êxito da revista «Fruto proibido» que continua enchendo o Apolo todas as noites, a empresa Otel de Carvalho não pensa em mudar a peça. Hoje repete-se a famosa revista, com todas as suas sensacionais atracções, com ditos de palpitante actualidade, sendo o fado da «Canção da vergonha» interpretado por Adelina Fernandes.

O actor empresário Otel de Carvalho contratou a tam apreciada «divette» Laura Costa para tomar parte na revista «Fruto proibido».

No proximo dia 27 estreia-se no Eden-Teatro a grande companhia italiana de ópera-cômica e opereta Grameri-Marchetti, composta de 75 figuras e de que é primeira figura a notável tipista Maria Tabassi. A companhia Grameri, que tem tradições gloriosas, exhiba em Lisboa um repertório deslumbrante de operetas e operetas-cômicas antigas e modernas. Está já aberta no Eden-Teatro a assinatura para oito réctas com operetas diferentes. No dia 24 inicia-se a venda avulsa.

A companhia Lucília Simões-Erico Braga deve dar a sua récita de despedida no Sá da Bandeira, do Porto, a 26 do corrente, realizando na véspera dessa noite a festa de homenagem a Lucília, com a «première» da peça de Bernstein, «Après moi...», traduzida pelo dr. António Horta e Costa e Monton Osório, sob o título «Primeiro, eu...».

A companhia segue depois para Braga, dali para Fafe, Figueira e Coimbra, devendo chegar a Lisboa a 15 ou 16 de Abril, reparecendo em São Carlos na noite de 19, inaugurando a temporada da primavera com uma das peças alegres do seu repertório.

Fizeram um extraordinário sucesso, no Coliseu dos Recreios, as notáveis acrobatas saltadoras Irmãs Lecussou e o célebre ginasta aéro-equilibrista Leopoldo que ontem ali fizeram a sua estreia, e que, mercê dos seus originais e suprepentes trabalhos foram muito aplaudidos pela assistência.

Hoje repete-se o programa de ontem com novos intermédios cómicos desenhados pelas duas magníficas e engraçadas parselhas de «clocas».

CARTAZ

S. CARLOS — Às 21 — «Trovador». NACIONAL — Às 21 — «Simone». S. LUIS — Às 21 — «Sonho de valsa». F. LINDADE — Às 21 — «A prisioneira». POLITEAMA — Às 21 — «A greve geral». APOLO — Às 21 — «Fruto Proibido». AVENIDA — Às 21 — «O Pópo do Bispo». EDEN-TEATRO — Não há espectáculo. MARIA VITORIA — Não há espectáculo. COLISEU DOS RECREIOS — Às 21 — Grande companhia de circo. QUINCENTE — Às 21 — «Amor engarrafado».

OLIMPIA — Às 20,30 — Animatógrafo. S. PAULO — Às 14,30 e 20,30 — Variadão. CHÃO TERRAS — Às 14,30 e 20,30 — Animatógrafo.

IDEAL (Av. da) — Animatógrafo. CENTRAL (Av. da) — Animatógrafo. CINE-PARIS (Rua Pereira Borges) — Animatógrafo.

IDEAL (Porto) — Animatógrafo. ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo. CHANTÉLER (Praça dos Restauradores) — Filas saltadoras.

PROMOTORA (Largo do Calvário) — Animatógrafo. EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo) — Animatógrafo.

MATERIAL ELÉCTRICO

SIMÕES CARMO, Ltd.ª

12 — Largo S. Domingos, 13

Congresso das Escolas Técnicas

Reúne a comissão executiva do Congresso das Escolas Industriais e Comerciais do país, na Escola Industrial F. Beneditos.

Resolve fazer a máxima propaganda do 2.º Congresso, nas Escolas Industriais e Comerciais de Lisboa e provincia, nomeando os sr. Arnaldo Júlio Vieira e Hermenegildo Horácio Ribeiro para, em nome da comissão, usarem da palavra na Escola Beneditos, amanhã, pelas 21 horas e meia e na Escola Comercial de Veiga Barão, no dia 20, pelas 21 e meia horas.

Resolve apoiar o governo pela execução da lei sobre o encerramento das tabernas, satisfazendo assim, em parte, uma das aspirações desse Congresso, esperando ver dentro em breve as restantes reclamações satisfeitas. Delibere ainda reunirem todas as quintas-feiras, pelas 21 e meia horas.

Terminou a discussão dos Estatutos da Federação Comercial e Industrial, aprovando-os. Val enviados às Escolas Técnicas do País.

Protestou energicamente contra as injunções da policia, cometidas quando do conflito com os alunos do Liceu Camões.

VIDA POLITICA

Comuna Salvador Seguí. — Reúne hoje, pelas 20 horas, na sede da Federação

## EDEN-TEATRO

4.ª feira, 26 de Março — 1.ª récita da assinatura

REPORTORIO — Mazurca Bleu, Viuva Alegre

Gaisha, La Baladiera, Ave Maria, Madame de Thebe, Miss Is.

Mipi, Amor de Príncipe, etc.

COMPANHIA DE OPERETA ITALIANA

GRAMERI — MARCHETTI — TABASSI

Récitas de Assinatura

Na bilheteira do Eden-Teatro

está aberta a assinatura até ao dia 23, para oito réctas com operetas diferentes, concessão de preço por assinatura. No dia 24 principia a venda avulsa.

## Teatro Nacional

Por estes dias sobem à scena as peças

OS INGLEZES

de Lorjô Tavares

A Irmã CRUZ DE GUERRA

de Castro Ferreira

## DESPORTOS

O CASA PIA GANHOU A TACA «PRESIDENTE DA REPUBLICA» — A SELECÇÃO MILITAR DE MADRID DERROTOU A DE LISBOA POR 5-2

O festival da Associação dos Trabalhadores de Imprensa

A chuva que no domingo caiu abundantemente tirou ao festival da Associação dos Trabalhadores de Imprensa o brilho que os organizadores lhe queriam dar. Assim, a assistência chegou apenas a que se convencionou chamar regular. Para isso contribuiu também o não se apresentarem os grupos que disputavam a Taca Presidente da República com os seus melhores elementos, que foram deslocados até Madrid, para o desafio entre seleções militares. Especialmente o Club de Foot-Ball «Os Benelenses» apresentou-se muito enfraquecido. Junte-se esta circunstância à chuva que caía e ter-se-á a explicação da relativamente fraca concorrência que no domingo se deslocou ao Campo Grande.

O jogo ressentia-se do estado do campo; um vasto lençol de água, onde os pés chapinhavam em frenesi, e onde a bola se colava teimosamente. No entanto, jogou-se, e por vezes com brilho. O Casa Pia dominou na primeira parte, quando o vento o ajudava. A sua primeira bola foi marcada por Lopes, na marcação de um canto; pouco depois, António de Oliveira marcou a segunda.

A terceira, marcada ainda na primeira parte, foi devida a Cândido de Oliveira. O Benelenses conseguiu a sua primeira bola por intermédio de José Ferreira.

Com a mudança de campo, veio a vantagem do vento para os Benelenses, que dela não pôde aproveitar, pois que conseguiu apenas a sua segunda bola marcada por Joaquim Rio, em troca de outra que o Casa Pia alcançou. Nos últimos minutos os de Belém dominaram, terminando contudo o encontro com a vitória do Casa Pia, por 4-2.

A taga foi entregue ao capitão da equipe vencedora pelo sr. Presidente da República, que assistiu ao jogo. O pontapé de saída foi dado pelo sr. Alfredo Guisado, que representava, juntamente com o sr. Alexandre Ferreira, a Câmara Municipal de Lisboa.

A principal atracção da festa foi o desafio de jornalistas contra os ingleses de Carcavelos. Dido o valor dos seus adversários, não era difícil prever uma formidável derrota para os homens dos jornais, cujo grupo está destreinado, como é do domínio de todos. Pois nada disso sucedeu, porque, conquanto dominados, souberam por tal forma impor-se e a sua defesa trabalhou tanto acertadamente que a sua derrota por 4-3 constituiu antes uma vitória que muito honra o grupo vencedor.

Entre os vencidos salientaram-se: Inês, apesar de ter passado a primeira parte a segurar as meias e a comprimir a cabeça que ainda não caiu nas garras do sr. Ferreira do Amaral; Miliheiro, que, apesar do seu corpo um pouco... embaraçoso, foi mais ágil que o seu gafanhoto; Bêdo Redondo, que foi a alma da linha vanguarda, e mais firmeza não fôra o seu médico que pouco o ajudou; a revelação da presente época, o melhor homem em campo, aquele que arrebatou a assistência com as suas inimitáveis defesas, foi Cândido de Oliveira, guarda-redes. E se se lhe pôde apontar como falta a primeira bola sofrida também é justo que lhe desculpemos em troca daquelles mergulhos sensacionais que Guimarães, Vieira e Cipriano não negligenciam. A linha avançada, apesar da sua bela combinação, não marcou pontos; contudo, a primeira bola dos jornalistas, que resultou duma grande penalidade, foi marcada em virtude duma carga incorreta contra o avançado-centro, Portiano, a ela (a linha avançada, claro está) se deve a primeira bola. A segunda e a terceira foram obra dos médios esquerdo e centro.

Como apresentação oficial ao público, agradou completamente a exhibição feita pelos jornalistas, dando-lhes coragem para em futuros jogos afrontarem clubes ainda mais valerosos do que os ingleses. Ouvimos já dizer que o novo desafio terá lugar contra o Chelas Foot-Ball Club, K.

Lisboa-Madrid militar

O desafio entre as seleções militares de Lisboa e Madrid veio trazer mais uma desilusão a juntar àquela de Sevilha. O grupo de Lisboa, preparado com todo o cuidado, que continha alguns internacionalistas, acaba de sofrer uma pesada derrota: 5-2, debaixo do domínio, resultante de superioridade técnica e física, no qual não valeu o grupo português a parrelha de defesas.

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo presidente da Comissão Executiva da referida Câmara.

E, seu defensor o dr. sr. Campos

ALMADA, 15. — Acusado falsamente de ter interrompido a sessão da Câmara Municipal de 12 de Fevereiro préterito, responde hoje em juízo José Malaquias, contra quem foi movido um injusto processo pelo

Lêr A BATALHA  
representa conhe-  
cer a desmoraliza-  
ção da burguesia

# A BATALHA na provincia e nos arredores

Lêr A BATALHA  
é orientar-se sobre  
a atitude social que  
se deve tomar

## A mulher do Porto

É MAIS DESENVOLTA, TRABALHADORA  
E LIVRE DO QUE A DE LISBOA

Portugal é dos países da Europa onde a mulher vive num atraso aterrorizante. Lisboa, a capital do país, apesar do empurrão que a guerra deu às ideias modernas de emancipação, a mulher é ainda tímida, acanhada e incapaz de mover-se na vida com a mesma desenvoltura do homem. Hoje, ainda há nesta cidade, quem defenda a teoria de que a mulher deve ser estúpida e boa cozinheira, engenheira, a advogada, a médica, a artista, a literata, enfim, todas as modalidades de actividade a que o homem se dedica deviam, segundo a opinião da correnteia entre o pacato lisboeta a quem tudo parece mal, ser vedadas ao considerado sexo fraco.

Nestes últimos anos, perante o olho esbugalhado do burguês, a mulher começou a deitar fora do seu lar, o seu nariz — e hoje já a encontramos pelos muros e pelos escritórios comerciais dedilhando as «typewriters» ou enchendo numerosos livros com letra miudinha...

Entretanto, não vimos a mulher, por enquanto, exercendo labores pesados em viver a vida livre de homem.

No Porto, a segunda cidade do país, a mulher, é mais ousada do que em Lisboa. Prática com naturalidade actos que à maioria dos homens ponderados desta velha cidade à beira Tejo plantada, pareceriam arrojados ou impudicos. Em Lisboa é rara a mulher que frequenta os cafés. E quando alguma comparece, a audácia caiem sobre ela, prescrictores, os olhares dos «habitués» encarando avidamente indícios de mau porte.

No Porto já ninguém repára nessas miudanças e há senhoras que, todas as noites, acompanham os maridos, irmãos ou primos à banca do café, onde, ao seu bocado em caixa e caneca, aos balcões das lojas vendem-se, instantaneamente calças e calças — algumas bem bonitas — e muitas, entretanto, são trabalhos mais rudes, que em Lisboa são exercidos apenas por homens. Não é raro, de agulha no ombro, guiando bois que lá no Norte têm os chibres maiores do que o corpe, ver-se raparigas novas, algumas crianças tenras, o que chega a ser bárbaro.

Nas ruas a caminho dos seus empregos, das suas fabricas, dos seus negócios, vemos muitas senhoras caminhando à vontade, a cabeça erguida, o olhar franco e decidido. Não tomam, como em Lisboa, atitudes de falso pudor, nem vergam no chão os olhos negros, receosos de fitar de frente a via. Passam naturalmente e a sua beleza nos provoca uma frase de encanto, não se retraem, nem mascaram de irritação, sorriem, ripostam, por vezes, sem que essa liberdade lhes diminua o seu porte honesto, sem que as suas frases nos permitam um aproveitamento descaído, antes dando-nos a impressão de que nelas existe um espírito mais alto, mais livre, mais irado do que não vê na mulher uma escrava mas a natural colaboradora do homem com absoluta igualdade de direitos.

Mário DOMINGUES

## MUSICA

### No Teatro São Luís

O Concerto do pianista  
Varella Cid

O pianista Varella Cid com que o público de Lisboa se vai familiarizando, deu ao São Luís um concerto em que executou música de Bach, Mozart, Chopin, Scarlatti, e de Manuel Infante, Albeniz e Turina espanhóis e Alexandre Ruy Coelho e Frago, infeliz compositor português, desaparecido aos dezenove anos quando o seu talento já prometia muito.

O pianista teve, e achamos que fez bem, o cuidado de deixar para a última parte do seu recital os músicos penúltimos, não por menos consideração, mas evidentemente para que ficasse bem demarcada a sua maneira de sentir que não podia nivelar-se perante a obra de todos os seus autores. Porque assim procedeu Varella Cid, também nos dando um pouco de largo pela técnica do concertista que nos pareceu excelente, colocarmos a sua interpretação ao campo do impressionismo que soube transmitir-nos como compensação do que ele sentiu nos vários números que executou.

A «pastorale variée» de Mozart foi, na nossa opinião o trecho que a alma do pianista melhor sentiu e compreendeu. Mozart é assim como Cid a exteriorizar-se depois de coada através do seu sentimento. A graça, a leveza, a ternura, o mimo delicado do trecho tiveram uma soberba execução.

Varella Cid cuja pericia, principalmente de mão esquerda, venceu as dificuldades da «Tocata e fuga» de Bach-Tauzig e o equilibrado movimento da sonata «La chasse» de Scarlatti, foi melhor em Chopin. O pianista cujo sentimentalismo impera como temperamento e escola, deixou-se arrastar demasiadamente por ele, daí o conduzir a «sonata em si menor» no terceiro andamento em uma vagarosa plangência que o monotono e o «finale» com um rouco vigor. Confessamos que assim não

sucedem nos restantes andamentos, sendo interpretado com muita justeza de sentimento e expressão o «allegro maestoso».

\*\*\*

Na outra modalidade do seu talento de executante Varella Cid deu muito relevo ao torturado prelúdio de Frago, página delicadíssima de união, ao característico «bailarinho» de Rey Colaco e às «variações» sobre um tema popular e dança original de Manuel Infante.

Com estes ligeiros reparos apenas queremos pôr em destaque o sentido executivo de Varella Cid, que como todos os concertistas está mais à vontade dentro duma composição, do que doutros, sentindo melhor também uns músicos do que outros.

Nogueira de BRITO

### Orquestra Sinfónica de Lisboa

A festa artística de Luís Barbosa a terminar a sua temporada anual de concertos.

Um dos seus violinos principais, Luís Barbosa realizou a sua festa artística, tendo sido para isso organizado um esmerado programa em que não podia deixar de ser postas à prova as faculdades de técnica do violinista. O trecho capital era o «concerto em si menor de Max Bruck» escolhido de muitos virtuosos de violino, pelas altíssimas dificuldades que apresenta. Luís Barbosa executou com uma precisão correctíssima, ouvindo fartos aplausos.

Pela orquestra foi esplendidamente tocada a conhecida «5.ª sinfonia» de Beethoven, além da abertura do «Vaisseau fantôme» de Wagner e da «Kaiser-marsch». O violinista Luís Barbosa executou ainda, como trechos de responsabilidade o «moto-perpetuo» de Ferdinand Ries e as «variações» de Leonard sobre um tema de Corelli.

N. de B.

Trabalhadores: lêde e propagação da Batalha

## Montemor-o-Novo

### Os abusos do jesuitismo

MONTEMOR-O-NOVO, 15. — Nesta terra alentejana a reacção esforça-se para subjugar o povo trabalhador e consciente. Existe um padre conhecido pelo padre. Cerca de se manifesta por ser ele uma das criaturas, que leva o povo a crer na religião católica apostólica romana. Mas que grande engano que este padre vive! Queremos verificar o caso há dias e fomos ouvir o «miserere». Entrámos e vimos senhoras elegantemente vestidas. Notámos que servia aquela acto para se ver aquela que tinha mais luxo e para inglês ver, que eram religiosas, para assim levarem o povo proletário a convencer-se na religião.

Estava a rapariga nova para ver os seus namorados, que é uma das desculpas para terem um bocado de liberdade.

O padre, ataca violentamente os avançados, acumulando-os de defeitos e atribuindo-lhes todos os erros e todos os males. Nessa noite os avançados constituiram a sua única preocupação. Os trabalhadores já estão desiludidos e é escusado atacar as ideias avançadas porque a verdade começa a impôr-se e a tornar inúteis todas as calúnias reaccionárias.

As senhoras religiosas e ricas desta terra realçam os maiores esforços para que as pobres mães deixem que os seus filhos vão a casa delas embrutecer-se violentamente nas práticas e nas orações da Santa Madre Igreja. Para conseguirem embrutecer o espírito das crianças prometem às mães que se as mandarem às suas casas, aprender orações lhes dão vestidos, latos, botas etc. etc.

É necessário que os trabalhadores desta terra se previnam contra estas manobras. — C.

## Em Vizeu

### Notas... sem comentários

VIZEU, 15. — A despeito dos acerbos ataques que toda a imprensa local lhe tem dirigido, ainda continua à frente da administração deste município o grupo de «competências» célebres que um vergonhoso conluio político nos impingiu há cerca de 2 anos.

Decorreu animadíssimo o período carnavalesco: bailes e «matinées» nos teatros nas associações de recreio... e nalguns centros operários.

Continua a fazer-se sentir poderosamente a carestia da vida: moqueiros, padeiros, carneiros, industriais de sapataria & C.ª nem um só momento descansam na faina sacrosanta de sugar ao Zé faminto o seu já descorado sangue.

As comissões do partido Radical editaram um órgão com o sugestivo título: «O Azoraguel» que representa alguma coisa de independência neste meio de capitulação e lama.

Está marcado o dia 1.º de Maio para a inauguração, no cemitério, do monumento ao falecido propagandista operário Alberto Sampaio. Conta-se com a vinda a esta cidade de prestigiosos elementos da capital.

Corre por aí com certa insistência um boato de cuja veracidade vamos averiguar para depois falarmos. A confirmar-se, podemos desde já dizer que a consideração de que certos cavalheiros gosam no nosso meio, vai ser um pouco modificada. — C.

Os melhores retratos são os da

## Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

## Porto de Mós

### Porque não se brinca o carnavalesco

PORTO DE MÓS, 14. — As bárbaras folias carnavalescas parece que vão passando de moda neste concelho. Este ano não se fizeram já senão. A grande guerra contribuiu muito para o seu desuso.

Os braços vigorosos dos camponeses, trocando a enxada pela «escopeta», começaram a semear a fome — a tristeza. Essa fome, semeada e regada com lágrimas, ameaça-nos e apavora-nos hoje.

Nas aldeias já se não brinca! Que dará motivo a esta mudança? E a incerteza do dia de amanhã?

A gente pobre ao ver subir duma maneira assustadora o preço dos gêneros alimentícios, não pode brincar, nem talvez dormir.

As batatas já se vendem de 20\$00 a 25\$00 cada 15 quilos; do preço do pão não se fala.

E para o próximo ano o que será se os lavradores menos abastados já não adubam as terras devido ao elevado preço dos adubos químicos?

Onde chegaremos com este andamento? — C.

## Em Olhão

### Os operários das fábricas de conservas organizam-se

No dia sete do corrente, reuniu a classe marítima, estando presente António dos Santos delegado da Federação Marítima. Fizeram uso da palavra, Manuel Teodoro, pela Secção de propaganda da Construção Civil, Alvaro Gouveia, da U. S. O., António dos Santos da Federação Marítima. Todos os oradores escalpelaram as infâmias cometidas pelos armadores à numerosa classe marítima, entre as quais se salienta o caso de os marítimos serem coagidos a ir para o mar, quando o tempo o não permitia, e isto, para evitar que os marítimos se não organizem, o que no entanto não impediu que se desse uma reunião formal, visto que os armadores com tantas precauções, não impediram que os marítimos, fariões de ser explorados, se organizassem.

Estes, em massa, dirigiram-se para o sindicato, nomeando a comissão administrativa com todos os membros e os delegados à U. S. O. Terminou a sessão com vivas à Federação Marítima, A Batalha, C. G. T. e A. L. T.

### Os trabalhadores organizam-se

Têm-se ultimamente realizado na sede do Sindicato da Construção Civil, várias reuniões dos trabalhadores de fábricas de conservas de peixe, e duma destas vezes ficou o sindicato organizado. Mas sucede que os industriais não gostaram da resolução dos seus explorados e por isso, hoje, na fábrica de José Coelho — indivíduo que pela greve marítima apanhou uma lição mestrada — este dirigiu-se para o secretário geral do novo Sindicato deu-o por despedido, dizendo provocadamente que fosse à Associação que lhe desse de comer.

### Um comício contra a carestia da vida

Tem reunião a U. S. O. amiadadamente para levar à prática um comício de protesto contra a carestia da vida. ficando na última reunião, o caso entregue à comissão administrativa. Nestes representantes se-hão todos os sindicatos do Algarve. — C.

## Estremoz

### Inquilinos, senhores e... deputados

ESTREMOZ, 15. — Bem tem dito A Batalha que o projeto sobre inquilinato nunca será lei do país. Dezenas de vezes se tem anunciado o projeto, mas sempre, infelizmente, nos dias indicados surge uma dificuldade, um óbice, um protesto, já se vê propostado, para não se votar o que se anuncia.

Tem sido uma clara e agora já denunciada mistificação dos republicanos concluídos com os monárquicos em prejuízo do povo que trabalha e produz e que os juizes, embora nem todos, vem mandando morar na rua!

Mas, os monárquicos tem sido mais espertos, pois, segundo eles dizem, tendo comprado a cumplicidade dos republicanos, tem divulgado o segredo à boca pequena com o fim de os comprometer na desonra, e hoje até nos comícios públicos se diz alto e bom som que a maioria se vendeu aos senhores, que se associaram em todo o país por uma subscrição de centenas de contos, com que pagaram a infame mistificação atraindo o povo.

Temos fundadas esperanças de que não só os republicanos, mas sim também os monárquicos e senhores sentiram em breve castigo dos seus hediondos crimes. A onda ruga, já tam forte, cá pela provincia, que ninguém a poderá dominar. — C.

## CININA

TINTA DE ÁGUA

FABRICO DA COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de venda:

Dias & Pinto Lopes, L.ª

75, R. Passos Manuel-Porto

A venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

## A Vulcanisadora

Domingues & Lisboa, L.ª

Avenida da Liberdade

217-A e 217-B

Reparação em protectores e câmaras de ar para automóveis e : : : motos : : :

LEIAM, PROPAGUEM:

A LIBERDADE

B. Lazare \$50

Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

## EM BRAGA

## O POVO A SAQUE

### A FALPERRA NA TERRA DA FALPERRA...

BRAGA, 16. — Desde há muito que esta pacata terra, subúrbio da Falperra... se tem tornado num verdadeiro Pinhal de Azambuja, mercê da inépcia dos governantes, e do favoritismo despendido pelos fiscais dos abastecimentos.

Em Braga sente-se a carestia dos gêneros de primeira necessidade, mais que em parte alguma.

Chegou-se ao cúmulo de pedir por um quilo de pão de milho a módica quantia de \$50. Convém notar que a maior parte das vezes o pão é húmido e a farinha da mais reles.

Muito mais barata, que o Zé ia andar de eléctrico de graça, e que teria água para seu consumo, a vinte centavos a pipa.

Pois desde que a tal União, ou o Pinto & Soto Maior, fez o contrato com a Câmara, os municípios tem sido roubados, à má cara como se costumava dizer. Os carros que eram de 10 centavos, por zona, passaram para 30 centavos; os consumidores que tinham uma lâmpada e tinham avença pagavam por mês, 2\$50.

Ultimamente, fez-se muita zaragata na Babilónia bracarense, chegando a



BRAGA—Avenida central

O pão de trigo, na última reclamação que os manipuladores de pão fizeram, ficou assente que cada um levaria 60 gramas de farinha flor. Qual o nosso espanto na última semana ao verificarmos, que esses pães, tinham de menos 30 gramas.

A farinha é mais parecida com gesso, de que com farinha, custando cada pão vinte centavos. As batatas custam um quilo, dois escudos e trinta centavos.

No entanto os operários continuam olhando com um indiferentismo criminoso, para todas as roubalheiras, que os honrados comerciantes e senhores lhe fazem, lembrando-se apenas que chegou a Quaresma, e que é preciso ir aos sermões a São Vitor.

Do resto não querem saber.

A Câmara e a União Eléctrica Portuguesa

Nos tempos em que a energia eléctrica era fornecida pela central, diziam os senhores da Câmara, que logo que viesse a energia do Lindoso, a luz seria

ser consultada a célebre Patronal cá de burgo para resolver o assunto.

Quando todos julgávamos que o assalto aos bolsos dos consumidores ficava como era voz corrente em 80% surge-nos o aviso a participar-nos que todo o consumidor pagará daqui para o futuro, quatro hectowatts-hora ou seja o assalto à mão armada de nove escudos e quarenta centavos, quer gaste ou não energia. O mesmo acontece com a água, pois os consumidores são obrigados a gastar quatro pipas de água.

Como é de prever já grande número de consumidores mandou cortar a luz, lavrando grande indignação contra a Câmara, por consentir tamanha assalto às algebeiras dos municípios.

A propósito convém-nos dizer que a Câmara, União Eléctrica Portuguesa e Associação Comercial, formam uma distinta trindade, a qual tem por chefe em lugar de um João Brandão, um Lopes Gonçalves, com a diferença de que este é de Braga e outro era de Lisboa. — C.

## Os que morrem

### FALECIMENTOS

Faleceu anteontem no hospital de São José, Júlia da Conceição, mãe do nosso camarada Manuel Rodrigues David, ferroviário do Sul e Sueste.

O seu funeral realizou-se hoje pelas 15 horas, saindo o préstito fúnebre da casa mortuária do referido hospital para o cemitério do Alto de São João.

Trabalhadores:

LEDE A «A BATALHA»

## FATOS!!!

Bons e baratos é o ideal. Fabrico manual com muito bom gosto a 35 e 40 escudos o metro.

Vendas por conta da fábrica.

Pedir amostras a: JORGE CAMPELO

Por carta a esta redacção ou R. Senhor, da Glória, 95, 2.º

Pelo Telefone C. 293

Espera-se mostruário de ESTAMPERS para a nova época.

—Só no fim de oito dias saírais daqui. Durante esse tempo, minha mulher passará sem os teus serviços; é o castigo que lhe dou.

E Grémion, saindo com os carrascos, deixou Genoveva só. Então, já não foi a lembrança das ternas e misericordiosas palavras do filho de Maria, que ocuparam o pensamento da escrava, do mesmo modo que elas lhe tinham ocorrido, antes do seu suplicio; foram as palavras de vingança e anátema que ele havia pronunciado essa manhã contra os maus e opressores.

Durante as longas noites que passou, vindo-lhe à ideia a sua vergonha, jurou que se algum dia os deuses permitissem que fosse mãe e que pudesse ter seu filho junto dela, faria a deligência de lhe inspirar ao mesmo tempo o amor dos fracos e dos oprimidos, inspirando-lhe também o horror à escravidão e aos romanos, em lugar de consentir que degenerassem na sua terra alma estes soberbos ressentimentos, como tinham degenerado em seu esposo Fergan, que ela tanto amava, apesar da fraqueza do seu carácter.

Genoveva estava fechada, havia três dias, na sala baixa onde Grémion, seu senhor, lhe tinha levado todas as manhãs algum alimento, quando uma noite, a uma hora bastante adiantada, a porta da prisão da escrava se abriu. Viu então aparecer Aurélio, sua senhora, que trazia numa das mãos uma lanterna e na outra um embrulho que pôz no último degrau da escada.

—Pobre mulher! tens sofrido muito por minha causa, disse Aurélio, cujos olhos se arrazaram de lágrimas ao chegar junto de Genoveva!

Esta, apesar da bondade da sua senhora, não deixou no entanto de dizer com amargura:

—Se a senhora tivesse uma filha, a quem houvessem despojado dos seus fatos para a fustigarem, que diria então da escravidão?

—Genoveva, tu acusas-me e não sou eu a causa dessas crueldades!

—Não é a senhora a quem acuso, é a escravidão;

A turba tinha-se injustamente revoltado contra os senhores... com uma palavra sossegou a multidão... Que mais podia ele fazer?

—Temos inovações! exclamou o sr. Chusa. E com que direito esse nazareno aplaca ou acula a seu belo prazer a população?... Si é a senhora porque nós voltamos a Jerusalém? E' porque nos asseveraram que, em consequência das pragações abomináveis desse homem, os montanhese da Judéa e os lavradores da planície de Saron nos apedrejariam se nos apresentássemos para receber os impostos...

—O jovem mestre disse: «Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus!» replicou Joana. Será culpa sua, se os povos, vexados pelo fisco, não podem pagar mais?

—Por Hercules! mas é preciso que paguem! exclamou Grémion. Voltamos a Jerusalém para levar connosco uma escolta de tropa suficiente, a fim de aniquilar a rebelião e ai daqueles que nos resistirem!

—E, sobretudo, ai do Nazareno! replicou Chusa; só ele é causa de todo o mal... Também vou prevenir o príncipe Herodes, os srs. Pôncio Pilatos e Caifaz da audiência daquele vagabundo e pedir, se tanto for preciso, o seu suplicio...

—Mandem-no matar, replicou Joana, que ele lhes perdoará e rogará a Deus pelos seus algozes!

Foi deste modo que Joana, Aurélio e Genoveva chegaram a Jerusalém...

## CAPITULO IV

### O CASTIGO DA ESCRAVA

Logo que Genoveva e a sua senhora chegaram a casa do sr. Grémion, este ordenou a sua mulher que fosse para o seu quarto.

Aurélio baixou a cabeça suspirando, obedeceu e lançou sobre a escrava um triste olhar de despedida.

Grémion pegou então no braço de Genoveva e le-

vou-a para uma casa baixa, espécie de subterrâneo, destinado a guardar o azeite e outras provisões; desciase para ali por uma pequena escada muito íngreme. O senhor de Genoveva empurrou-a tam fortemente que ela tropeçou e caiu, de degrau em degrau, até ao chão, enquanto que Grémion fechava a porta desta casa.

A jovem escrava levantou-se maguada, sentou-se na pedra e começou a chorar amargamente; depois as lágrimas tornaram-se-lhe, por assim dizer, agradáveis, quando pensou que sofria por ter ouvido a palavra do jovem mestre da Nazaré, tam terno para os pobres e para os escravos, tam misericordioso para os arrependidos e tam severo para os ricos e hipócritas.

Educada na religião druidica que sua mãe lhe tinha por assim dizer transmitido com a vida, Genoveva não confiava menos nos preceitos do filho de Maria, pôsto que ele professasse uma religião diferente da dos druidas. Além disso Jesus acreditava, a semelhança dos druidas, que saindo a gente deste mundo ia reviver noutra parte em alma e corpo, visto que, segundo a sua religião, falava da ressurreição dos mortos. Enfim, apesar da sublimidade da fé druidica, que ensinava ao homem que nunca morria, Genoveva não encontrava nos preceitos da religião gaulesa o sentimento terno, fraternal e misericordioso, que transluzia tantas vezes nas palavras do jovem mestre de Nazaré.

A escrava entregava-se a estas reflexões, quando viu abrir-se a porta do subterrâneo onde estava encerrada; Grémion, seu senhor, voltava acompanhado por dois homens; um deles trazia um molho de cordas, o outro um chicote.

Genoveva nunca tinha visto estes homens. Vestiam de um modo singular.

O sr. Grémion desceu os primeiros degraus da escada e disse a Genoveva:

—Despe-te...

A escrava olhou para o senhor com tanta surpresa

como terror, custando-lhe a crer no que via. O senhor continuou:

—Despe-te... quando não estes homens, os criados do carrasco da cidade, te despiam... para te castigarem como merces!

Este suplicio indigno, tantas vezes suportado pelas mulheres escravas, Genoveva, pela bondade dos deuses e de sua senhora, não o tinha ainda sofrido e, no seu espanto, pôde apenas erguer as mãos, estendê-las para o senhor e, suplicante, cair de joelhos.

Porém o sr. Grémion, encolhendo-se para dar passagem aos dois homens, que tinham ficado no primeiro degrau da escada, disse-lhes:

—Dispam-na!... Fustiguem-na ásperamente até que escorra em sangue... Ha de ficar-lhe de memória ter assistido às pregaçãoes desse maldito nazareno.

Genoveva tinha então vinte e três anos e seu esposo Fergan, dizia-lhe às vezes que ela era formosa. Foi, apesar do seu pranto, dos seus rogos e da sua baldada resistência, despida e amarrada a um dos pilares do subterrâneo e em breve o seu corpo ficou coberto de chagas.

Esperava ela que a vergonha e o horror lhe fariam perder os sentidos... mas não sucedeu assim; esqueceu a dor dos açoites, vendo-se vítima dos olhares dos algozes... e ouvindo os gracejos infames que eles trocavam entre si, quando a açoitavam...

O sr. Grémion, em pé, de braços cruzados, dizia rindo com malícia:

—O nazareno! esse famoso Messias que pretende profetisar, prognosticou-te o que te está sucedendo, Genoveva? Achas que ele tem razão de proclamar o escravo igual ao seu senhor?... Por Jupiter! sinto não te ter

